

INTERFERÊNCIAS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

THE COVID-19 PANDEMIC INTERFERENCES ON THE LEARNING OF CHILDREN IN THE LITERACY PROCESS

Rhaíssa Gomes da Silva¹

Síntia Lúcia Faé Ebert²

RESUMO

Este artigo, trabalho de conclusão de curso de Graduação em Pedagogia, tem como tema principal as interferências da pandemia de Covid-19 nas aprendizagens de crianças em processo de alfabetização. Para tanto, o objetivo do estudo foi investigar fatores que interferiram no processo de alfabetização de crianças que passaram pelo período da pandemia. Para buscar informações e conhecimentos acerca do tema foi realizada pesquisa em referenciais teóricos relacionados à educação, entre eles, Soares (2022), Nóvoa (2009) e Cortella (2014). Também foi realizada uma pesquisa de questionário aplicada a quatro professoras alfabetizadoras que vivenciaram a pandemia no exercício da profissão e que, atualmente, lecionam para crianças que nos anos de 2020 e 2021 (foco da pandemia) estavam em turmas de alfabetização, ou seja, 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. Este estudo mostrou que a principal interferência em relação às aprendizagens foi a falta de acesso à internet e a dificuldade com o letramento digital.

Palavras-chave: Pandemia; Alfabetização; Tecnologias.

ABSTRACT

This article, the graduation thesis in Pedagogy, has as its main theme the impacts of the Covid-19 pandemic on the learning processes of children in the early stages of literacy. Therefore, the study aimed to investigate factors that influenced the literacy process of children who went through the pandemic period. To gather information and knowledge on the topic, a research was conducted on theoretical references related to education, including works by Soares (2022), Nóvoa (2009), and Cortella (2014). A questionnaire survey was also carried out with four literacy teachers who experienced the pandemic in their professional practice and currently teach children who were in literacy classes during the years 2020 and 2021 (the focus of the pandemic), specifically in the 1st and 2nd grades of Elementary School. This study revealed that the main interference with learning was the lack of internet access and difficulties with digital literacy.

Keywords: Pandemic; Literacy; Technologies.

¹Aluna do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. rhaissagomes20@gmail.com

²Orientadora. Docente da Escola de Humanidades – PUCRS. sintia.ebert@pucrs.br

1. Introdução

Eu me chamo Rhaíssa Gomes, tenho 26 anos (2023) e estou concluindo o curso de Pedagogia com muita honra. Ao falar sobre o curso, fui questionada do motivo pela escolha desta profissão, e a minha resposta foi porque eu gostava de ensinar crianças.

O gosto por ensinar crianças vem da infância. Em 2006 brincávamos de escola eu e meu irmão e eu sempre fazia o papel de professora. Ele tinha 5/6 anos e eu 9 anos, e o *hobby* das noites e finais de semanas era brincar de escola. Por este motivo, acreditava que tinha nascido para dar aula.

Em 2016/2017, saindo do Ensino Médio, ensino esse fraquíssimo, e ir para a faculdade me assustou um pouco, me questionava se era meu lugar nesse meio. Ao me referir ao ensino básico como fraquíssimo, acredito que seja importante falar sobre a falta de professores e o desamparo para com os alunos, deixando suas dificuldades passarem despercebidas.

Ao longo do curso, conhecendo os professores, os autores, os colegas e os alunos, fui tendo entendimento de que não se tratava somente de estar frente a uma sala de aula. Fui me apaixonando a cada dia. Ao longo do tempo tive a certeza que fiz a escolha certa e percebi que estudar Pedagogia vai muito além de gostar de crianças ou de ensinar, mas sim, é ter a chance de melhorar como ser humano e nunca desistir de um mundo melhor através da educação.

Assim, tendo essa chance, aproveitei e me tornei uma pessoa melhor. Aprendi o sentido da palavra empatia, aprendi o processo da criança desde o embrião, a ter um olhar ainda mais encantador e apaixonante pela educação. Juntando teoria com a prática, iniciei o estágio remunerado desde o início do curso, em 2017, tendo a oportunidade de me aperfeiçoar a cada dia.

Estagiando sempre em escolas comunitárias das periferias, comecei a questionar algumas questões sobre a educação dentro dessas comunidades. Pensava que eu precisava lutar por uma educação de qualidade para essas crianças, com um olhar atento e carinhoso para com as famílias para que não acontecesse o que aconteceu comigo: falta de um olhar atento para com o aluno nas questões de ensino e aprendizagem.

No cenário da educação, o período pandêmico de 2020 a 2021 agravou muitas situações, afetando principalmente alunos de baixo nível socioeconômico. Meu estágio obrigatório dos Anos Iniciais foi realizado neste período, enfrentando muitas dificuldades, entre elas a falta de alunos nas aulas a distância. Os efeitos dos fechamentos de escolas e da redução da atividade econômica impactaram a todos, mas, principalmente, os que estavam em situação de maior vulnerabilidade.

Entre tantas situações, a fome acabou se agravando na pandemia, deixando 19 milhões de pessoas sem alimento. Segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, no Brasil, em 2018 esse número chegou a 10,3 milhões. Ou seja, houve um aumento de 9 milhões de pessoas sem ter o que comer (REDE, 2022).

Em meio a este caos, resolvi incentivar a solidariedade, realizando alguns trabalhos sociais na periferia. Nesse contexto, encontrei pura e total desigualdade educacional. Isso me incentivou a observar e tentar encontrar melhorias na educação, buscando compreender os principais motivos em relação aos fatores que interferiram na aprendizagem de crianças em processo de alfabetização, em especial, as que passaram pela pandemia de Covid-19.

Falando em aprendizagem, é importante citar o processo de alfabetização e o porquê é válido pesquisar sobre os fatores que interferem no processo de aprendizagem das crianças. E sim, muitos são os fatores que podem interferir para que a criança não aprenda durante o processo de alfabetização, entre eles, a pandemia de Covid-19.

Nas escolas, torna-se importante recuperar as defasagens causadas pela pandemia, que abalou o mundo no período de 2020 a 2021 e não foi diferente em se tratando de Brasil. Uma pandemia que trouxe muitas mortes e, na área da educação, trouxe muitas mazelas que as escolas seguem enfrentando.

A pandemia de Covid-19 foi marcada por uma violenta onda desse vírus no mundo, sendo necessário adotar medidas públicas de prevenção, dentre elas, o isolamento social, mudando o modelo educacional presencial para remoto. As consequências do momento resultaram em uma mudança desenvolvida sem a adequada formação e preparação, submetendo os professores a novas adaptações nas suas práticas pedagógicas, e, conseqüentemente, as famílias à adaptação de novas formas de aprender.

Passado o período principal da pandemia, torna-se importante refletir acerca de suas consequências no processo de alfabetização das crianças, ou seja, verificar de que forma a mesma interferiu no processo de aprendizagem frente à alfabetização.

Diante destas colocações, o presente trabalho tem como objetivo investigar fatores que interferiram no processo de alfabetização de crianças que passaram pela pandemia de Covid-19.

Para tanto, buscou-se resposta para a seguinte questão: Como a pandemia de Covid-19 interferiu nas aprendizagens dos alunos em seu processo de alfabetização?

A busca de respostas para estas questões foi possível através de análise de referenciais acerca do tema e de uma pesquisa de campo, realizada com professores referências de turmas de 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. A escolha por estas turmas se deu pelo motivo de que os alunos estavam cursando o 1º e o 2º anos em 2020 e 2021 no período em que o mundo estava passando pelo principal foco da pandemia.

Busquei perceber como os mesmos avaliam as consequências e interferências da pandemia no processo de alfabetização, bem como, quais ações eles desenvolvem para trabalhar com as defasagens ou recomposições de aprendizagem.

2. Alfabetização e fatores que interferem na aprendizagem

Podemos definir alfabetização como o processo de aprendizagem do sistema de representação dos sons da fala, ou seja, como transformamos os sons da fala, os fonemas em letras ou grafemas. Mas cabe destacar que o conceito de alfabetização tem mudado ao longo dos anos e hoje podemos

considerar um sujeito alfabetizado muito diferente do que considerávamos décadas atrás. Isso se deve também ao surgimento do letramento no campo das práticas alfabetizadoras.

No que cabe ao letramento, de acordo com Soares (2017), não basta apenas a criança saber ler e escrever, a codificar e decodificar, pois isso não a levará ao domínio da língua escrita. Esta, por sua vez, existe na humanidade com o objetivo de interação entre as pessoas, para registro da memória e para funções sociais. Nessa perspectiva, as aprendizagens das funções sociais da língua escrita é o que chamamos de letramento.

Soares (2004) define letramento como sendo o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Ou seja, é aprender a produzir textos, ler e compreender o que se lê. É saber ajustar o texto que se escreve e para quem se escreve, em que contexto escreve e com que objetivo. É saber identificar e lidar com diferentes gêneros de textos. O letramento, portanto, é um processo muito amplo em que a escrita, a compreensão e a interação estão entrelaçada se seu surgimento trouxe interferências nas práticas alfabetizadoras e nas concepções de alfabetização e de sujeito alfabetizado.

Sobre a alfabetização, Ferreiro (2012, p. 37) aponta que esse processo vai além da simples codificação e decodificação, ou seja, contempla reflexão sobre a escrita e a importância da valorização do educando no processo:

Não podemos reduzir a criança a um par de olhos que veem, a um par de ouvidos que escutam, a um aparelho fonador que emite sons e a uma mão que aperta com torpeza um lápis sobre uma folha de papel. Por trás (ou além) dos olhos, dos ouvidos, do aparelho fonador e da mão, há um sujeito que pensa e que tenta incorporar a seus próprios saberes esse maravilhoso meio de representar e recriar a língua que é a escrita, todas as escritas.

Em se tratando de alfabetização, sabemos que muitos são os fatores que podem fazer com que uma criança não se alfabetize, como os relacionados à aprendizagem e ao ensinamento.

A alfabetização é um processo complexo que envolve diferentes demandas. Os envolvidos nesse processo nem sempre se dão conta do quanto é difícil para uma criança aprender um sistema de representação que é bastante abstrato, pois trata-se de representar o som da fala em grafias, riscos, traços e, para que a criança vivencie esse processo, é necessário que o professor o entenda.

Tratando-se de um sistema tão complexo, é essencial que o professor alfabetizador tenha fundamentos psicológicos, fonológicos, linguísticos e sociolinguísticos, pois se trata de ouvir os sons das palavras e representar esses sons pelas letras. As crianças falam de formas diferentes e a fala é diferente da escrita, cada dialeto tem uma relação diferente com a escrita.

Sabemos que são muito os fatores que interferem na aprendizagem, porém, para a elaboração deste artigo optou-se por escolher alguns dos que interferem na aprendizagem durante o processo de alfabetização. São eles: o planejamento, a formação docente e as interferências resultantes da Covid-19, sendo esta última o foco central deste estudo.

2.1 Importância do planejamento

No que tange ao planejamento, a falta dele ou um ser feito de forma errada pode interferir na aprendizagem de uma criança.

O planejamento pedagógico é fundamental para garantir a eficiência do ensino e aprendizagem. É um processo que envolve estratégias, objetivos e metodologias. O planejamento orienta os professores e os alunos nas realizações das atividades propostas.

Segundo Libâneo (2013), planejar evita improviso, facilita a aula e orienta a prática. O planejamento deve corresponder à realidade da escola, ter coerência entre os objetivos e estratégias e avaliações e metodologias a serem utilizados e deve ser flexível, podendo sofrer modificações durante o período de elaboração e aplicação. Sendo assim, “o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação” (LIBÂNEO, 2013, p. 245).

Assim, tem-se o planejamento como uma ação que parte da realidade do educando e, a partir disso, o professor consegue prever, orientar, organizar e adequar os conteúdos de acordo com as necessidades do aluno. Desta forma, o planejamento permite realizar previsões do que se deseja alcançar, traçando objetivos e definindo resultados a serem esperados, bem como contribuindo para que o resultado de ensino e aprendizagem se tornem mais eficientes.

Desta forma, é importante porque garante um maior aperfeiçoamento e melhora a perspectiva do professor, abrindo novos horizontes de ensino que evitem a rotina de improvisação, contribuindo para a realização dos objetivos pré-estabelecidos e se fazendo importante tanto para o professor quanto para o aluno.

No cenário educacional, o planejamento deve estar vinculado à sociedade, ser flexível e maleável, possibilitando algumas alterações e deve ser elaborado em função das necessidades e da realidade vivenciada pelos alunos. E, para que o planejamento seja mais eficiente, é necessário que haja alguns requisitos como organização, coerência e flexibilidade. Nesse sentido, o ato de planejar aparece como fio condutor da ação do professor. Sem planejamento há um desfoque no trabalho pedagógico e, conseqüentemente, o professor não consegue cumprir com eficácia seus objetivos.

Sendo assim, vale ressaltar algumas das partes de um planejamento que interferem no aprendizado infantil. Para Malheiros (2012), o plano de ensino tem quatro componentes básicos: objetivos, conteúdos, procedimentos de ensino e recursos. Os objetivos tratam diretamente sobre o que se deseja alcançar com a aula. Os conteúdos são itens que estão ligados diretamente ao tema. Através do conteúdo o professor consegue conduzir o aprendizado dos alunos de forma a atingir os objetivos traçados.

Os procedimentos de ensino são os métodos pelos quais o professor irá apresentar os conteúdos ao aluno, buscando o atendimento dos objetivos propostos. Os recursos materiais de apoio auxiliam o professor, podendo ser divididos em humanos ou objetos. Para Malheiros (2012, p. 81), recursos humanos são as pessoas necessárias para que a atividade pedagógica aconteça.

Os objetivos são definidos. Tendo estes por base, os conteúdos são selecionados. A partir dos conteúdos, é possível escolher os

procedimentos de ensino mais adequados, bem como entender o que será necessário em nível de recursos. A avaliação não encerra este processo; pelo contrário, ela o permeia. Isto porque, a partir do resultado desta avaliação, todo o plano pode ser revisto, inclusive os objetivos que foram traçados.

Para o autor, na avaliação, será visto se o plano foi capaz de atingir os objetivos propostos inicialmente, buscando-se avaliar de forma geral a execução do plano. Além da aprendizagem do aluno, avalia-se também o desempenho do professor.

2.2 Formação docente

Além do planejamento qualificado, a formação adequada e constante tem real importância no que compete à aprendizagem. O propósito da formação profissional é a aquisição de competências profissionais. É o conjunto de atividades feitas para obter um conhecimento específico, técnico, teórico e prático de habilidades e atitudes para um bom desempenho de uma determinada função ou profissão em seu local de trabalho e em sua carreira.

Tratando-se de formação docente, é importante destacar a formação inicial e a continuada, pois ambas são importantes e contribuem para práticas pedagógicas significativas e, conseqüentemente, para as aprendizagens.

A formação inicial é decorrente do curso que profissionalizou o indivíduo (graduação) e a formação continuada é o aperfeiçoamento profissional. Ambas são importantes na constituição de um educador. A formação continuada é entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários. É realizada após a formação inicial com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos alunos.

Para Nóvoa (2009, p.41), a formação de professores deve valorizar o trabalho em equipe e o exercício coletivo da profissão, reforçando a importância dos projetos educativos de escola.

É urgente reforçar as comunidades de prática, isto é, um espaço conceptual construído por grupos de educadores comprometidos com a pesquisa e a inovação, no qual se discutem ideias sobre o ensino e aprendizagem e se elaboram perspectivas comuns sobre os desafios da formação pessoal, profissional e cívica dos alunos.

Nesse cenário, professores bem preparados conseguem utilizar melhor os espaços na escola, criando boas situações de interação e colaboração entre os alunos e fazendo com que a aprendizagem ocorra de forma socializada e significativa.

Ainda no que diz respeito à importância da formação, para Freire (2002) na perspectiva contínua da formação docente, todos os seres humanos são inacabados, e quando se tornam conscientes desse inacabamento, compreendem como seres “aprendentes”, estando em constante formação.

A responsabilidade que o professor carrega lhe coloca no dever de se preparar, capacitar, se informar e formar antes da iniciação docente. Sua preparação, capacitação e formações devem se tornar processos permanentes. Ao longo da prática, suas experiências mostram que é necessário que sua formação seja permanente. Formação que se fundamenta na análise crítica de sua prática.

Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 2002, p. 39)

Portanto, a formação inicial se torna o primeiro passo para uma longa jornada de aprendizagem docente. Da mesma forma, a formação continuada na docência deve ser permanente, pois somos seres inacabados, segundo Freire (2002). Nessa direção, ensinar também exige a prática da pesquisa, para que possamos conhecer o que ainda não sabemos e comunicar aos outros o que aprendemos.

Além disso, lidar com o avanço do ser humano, seus conhecimentos e complexidades pertence ao dia a dia do professor. Saber lidar com a diversidade de cada um e, com isso, criar formas plausíveis de promover a aprendizagem, de modo que faça sentido para cada aluno. É um desafio que só pode ser superado por meio da experiência, do conhecimento, da formação do professor e de sua capacidade de reflexão sobre o ensinar e o aprender.

A formação docente inicial e continuada resulta no desenvolvimento de ações e práticas que interferem na aprendizagem escolar, entre elas as questões relacionadas ao período da alfabetização.

Além do planejamento e da formação, problemas relacionados à saúde que, conseqüentemente, resultam na ausência em aula podem interferir nos problemas de aprendizagem. Entre eles esteve a pandemia de Covid-19, foco deste estudo.

2.3 O cenário da educação com a Covid-19

A Covid-19 é uma doença infecciosa emergente, cujo epicentro ocorreu na cidade de Wuhan na China, com primeiro caso registrado em dezembro de 2019 (WHO, 2020). Neste período, um grupo de pacientes com pneumonia de causa desconhecida foi identificado, sintoma este causado por um vírus que ainda não havia sido reconhecido, que então foi denominado como o novo Coronavírus de 2019, posteriormente rebatizado com o nome de SARS-CoV-2.

A Organização Mundial da Saúde declarou uma emergência de saúde pública global no dia 30 de janeiro de 2020. Poucos dias depois, no dia 11 de março de 2020, a OMS decretou a doença uma pandemia frente à sua ampla disseminação em curto espaço de tempo.

O Brasil, ao lidar com a pandemia, encontrou-se com um cenário desolador: sistema de saúde em estado de calamidade, desemprego, fome, violência doméstica, doenças emocionais, entre outras situações que demonstraram que a crise no Brasil não foi apenas sanitária, mas também social, política e econômica.

Segundo o Relatório do Banco Mundial, desde que a pandemia de Covid-19 se instalou no mundo, cerca de 1,5 bilhões de estudantes ficaram fora da escola em mais de 160 países. Alguns destes adotaram o fechamento total de escolas, outros apenas em zonas consideradas de risco ou deixaram

abertas aquelas com crianças pequenas cujos pais trabalhavam em setores importantes para a sociedade.

A pandemia causou impactos em todos os segmentos sociais. No Brasil, 81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições de ensino. Segundo informações do Banco Mundial, antes da pandemia, 50% das crianças com dez anos de idade não conseguiam ler e interpretar textos. Com a pandemia de Covid-19, esse número subiu para 70%.

Nesse período (2020 e 2021), para facilitar a permanência das atividades letivas, o Ministério de Educação decretou dispositivos com normas e medidas referentes às atividades educacionais. Nesse sentido, em se tratando da Educação Básica, todos os sistemas educativos, gestores, professores e alunos tiveram que desenvolver estratégias para se adequar às demandas emergentes.

Tais estratégias, no entanto, não foram integralmente eficazes no que compete à presencialidade em aula (mesmo on-line), ao desenvolvimento das atividades escolares e, conseqüentemente, aos avanços esperados na aprendizagem. Muitas delas ocasionaram evasões e, em casos mais extremos, até repetências.

Para entender os motivos do aumento das evasões escolares no período pandêmico, ainda que as pesquisas sejam escassas, é importante analisar os impactos na aprendizagem que este causou aos alunos, principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade.

Rodrigo Lamosa (2020) escreveu o livro “Classe dominante e educação em tempos de pandemia: uma estratégia anunciada”, no qual retrata as estratégias das classes dominantes. Na obra, ele discorre sobre a questão de que o ensino à distância, implementado por meio de plataformas eletrônicas, não conseguiu garantir a participação dos alunos nem a qualidade do aprendizado, o que impactou diretamente famílias em vulnerabilidade socioeconômica, destacando como compreender o que fazem os setores dominantes para construir alternativas para a educação pública. Ao falar sobre as estratégias do Banco Interamericano de Desenvolvimento para a Educação em tempos de pandemia, conclui que:

Os mais de 300 mil mortos pela COVID-19, declaradamente subnotificados, são em sua maioria pertencentes a classe trabalhadora, que continua sem condições estruturais e concretas de se manter em isolamento social. São essas pessoas que não possuem a opção de não sair das suas casas enfrentando transportes públicos cheios para cuidarem das casas e da educação das crianças que não são delas e que não possuem acesso a um tratamento de saúde apropriado. Enfim, são esses trabalhadores e trabalhadoras que sentem concretamente os efeitos das políticas capitalistas de mercantilização da vida (LAMOSA, 2020, p. 33).

No que tange à educação, nota-se que o impacto da pandemia de Covid-19 se deu por diferentes motivos. Dentre eles, questões econômicas e ausência de aparelhos, pois muitas famílias não tinham condições financeiras de comprá-los para conseguir assistir as aulas on-line que foram oferecidas. Também foram observadas dificuldades no uso da contratação de internet e no domínio do mundo digital.

Ainda sobre o contexto educacional e escolar, a temática da evasão, repetência escolar e das dificuldades de aprendizagem é muito presente em nossas escolas e nos debates educacionais, tendo como foco compreender quais os motivos que levam os alunos a abrir mão dos estudos e o que interfere na sua aprendizagem, de forma a não atingir as habilidades esperadas ou propostas.

Conta-se com uma vasta área de pesquisa e referencial teórico sobre o problema, porém, quando alinhado à pandemia de Covid-19, há ainda poucas publicações teóricas acerca do tema, o que, possivelmente, se deve ao fato de ser algo recente, tendo surgido mundialmente há menos de cinco anos.

Em se tratando da educação brasileira, podemos observar o grande impacto que a pandemia teve e continua tendo referente à aprendizagem. Com o início da pandemia, em 2020, pensava-se muito em preservar o processo de aprendizagem dos estudantes e em evitar o aumento das desigualdades, o que na realidade não aconteceu como o esperado, sendo possível de observar em muitas publicações e aparições na mídia.

Por exemplo, segundo reportagem do G1(SANTOS,2022, texto digital), no Brasil, a porcentagem de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental que ainda não sabe ler e escrever mais do que dobrou no período pandêmico. É o que mostra os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), divulgados em setembro de 2022 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) (INSTITUTO..., 2009, texto digital).

Calculado a partir do desempenho de uma amostra de alunos de escolas públicas e privadas em uma prova nacional, o índice passou de 15% para 34% nesse período, justamente quando as aulas presenciais foram suspensas por causa da pandemia de Covid-19. As edições anteriores do exame ainda não contemplavam essa faixa etária.

Como é possível observar, os dados indicam um atraso no cenário educacional e pedagógico, se tomarmos como referência a Política Nacional de Alfabetização (PNA), elaborada pelo Ministério da Educação (MINISTÉRIO..., 2019) no mesmo período (2020-2021). Este estabelecia metas em relação ao processo de alfabetização das crianças, como se a escola estivesse funcionando de forma normal.

Ainda sobre o que saiu na mídia, a chefe de Educação da Unicef no Brasil, Mônica Dias Pinto, a coordenadora-geral substituta do Saeb, Clara Machado da Silva Alarcão e o diretor-executivo do movimento Todos pela Educação, Olavo Nogueira Filho falam sobre um novo capítulo da educação que deve ser escrito, junto com o fortalecimento do ministério. Também, citam inúmeros tópicos de pesquisa e possibilidades de praticá-los, importantíssimos para um futuro melhor na área da educação no Brasil. Entre eles, ações articuladas para a recuperação da aprendizagem de crianças e jovens, combate à evasão, foco na formação de professores e mudanças estruturais.

As ações articuladas no Brasil para a recuperação da aprendizagem de crianças e jovens estão em uma pesquisa que mostra dados alarmantes. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, as pesquisas apontam que 11% das crianças e adolescentes entre 11 e 19 anos estão fora da escola no Brasil. Com isso, Mônica Dias defende mais

investimentos na área da educação para evitar a evasão escolar e garantir a recuperação da aprendizagem.

Desta forma, percebe-se que a pandemia acarretou em muitas consequências no que tange à educação, fazendo com que as escolas continuem buscando maneiras para lidar com essas consequências, como por exemplo, as defasagens, os problemas de aprendizagem e a socialização. Este período trouxe muitos fatores que acabaram interferindo para que uma criança não estivesse na sala de aula (mesmo on-line) e, conseqüentemente, trouxe questões que acabaram interferindo na aprendizagem. Além da pandemia, tem-se as questões que envolvem planejamento e formação docente. Portanto, este estudo tem como foco pesquisar quais as interferências no processo de alfabetização e aprendizagem dos alunos no período pandêmico.

3. A Covid-19 e suas interferências nas aprendizagens no processo de alfabetização

Com o intuito de verificar fatores que interferiram no processo de alfabetização de crianças que passaram pela pandemia de Covid-19, além de pesquisa em referenciais e publicações acerca do tema, foi desenvolvido um estudo de campo para buscar mais informações referentes a esta questão.

Para obter mais informações, que foram de grande valia para a construção deste artigo, foi desenvolvida uma pesquisa de campo para coleta, análise e interpretação de dados. De acordo com Ludwig (2009), a pesquisa de campo é definida como coleta de dados no local onde acontecem os fenômenos, sendo uma forma de investigação própria da área das ciências e humanas.

Nesse sentido, o avanço desse modelo de investigação teve o poder de provocar o aparecimento de novas maneiras de realizar investigações. Dessa forma, surgiram o estudo de caso, a pesquisa participante e a pesquisa-ação, que passaram a ser dominados de pesquisa qualitativa.

Para obter os dados desta pesquisa, foi utilizado um questionário contendo questões relacionadas ao contexto educacional em virtude da pandemia de Covid-19.

Como técnica de pesquisa o questionário que é um instrumento de coleta de dados a ser preenchido por determinados informantes. Quem utiliza o questionário pressupõe que o informante é uma fonte competente de dados, que fornecerá as informações com boa vontade e que tem capacidade de compreender as perguntas. (Ludwig, 2009, p.66).

Com essa abordagem de cunho qualitativo por meio de questionários buscou-se compreender o desenvolvimento dos alunos e dos professores, ressaltando a prática no período de aulas não presenciais em decorrência da pandemia.

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública com quatro professores alfabetizadores de anos iniciais. A escolha das escolas públicas se deu através da minha experiência em uma escola pública, no processo de estágio obrigatório da graduação, que ocorreu no período da pandemia.

A escolha dos professores foi realizada a partir de dois fatores: tempo de exercício docente (mais de 5 anos, ou seja, ter vivenciado o período da

pandemia no contexto escolar) e profissionais que atualmente estejam exercendo a docência em turma de 3º e 4º ano, cujas crianças estavam cursando 1º e 2º ano em 2020 e 2021, no pico da pandemia. Ou seja, os denominados “filhos da pandemia”, conforme pode-se observar no quadro abaixo.

2020	2021	2022	2023
1º ano	2º	3º	4º

Quadro criado pela autora (2023)

Cabe destacar que, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os dois primeiros anos (1º e 2º) têm como foco o processo de alfabetização. Por sua vez, os alunos que se encontram nas turmas de 3º e 4º ano vivenciaram este processo durante o período de pandemia.

Para esses professores, foi aplicado um questionário através da ferramenta Google Forms, contendo questões relacionadas aos seguintes temas: formação docente, ensino durante a pandemia, uso das tecnologias como meio de ensino, consequências da pandemia na aprendizagem e ações para auxiliar os alunos nas recomposições de aprendizagem.

3.1 Os achados da pesquisa

A partir dos resultados dos questionários foi possível verificar o quanto a pandemia interferiu e ainda interfere nas questões que envolvem o ensino e a aprendizagem das crianças em processo de alfabetização. Os sujeitos da pesquisa foram quatro professoras, sendo que todas eram formadas em Pedagogia com especialização na área da educação, o que foi possível de verificar através da primeira questão, que buscou identificar a formação dos profissionais docentes.

No que diz respeito à importância da formação para o desenvolvimento de práticas significativas, Nóvoa (2009, p.36) traz que a formação de professores deve passar para “dentro” da profissão. “Isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens”.

Por sua vez, a reflexão que o autor faz em relação à troca de conhecimento entre professores mais experientes e os mais jovens me faz refletir o quanto os desafios tecnológicos que a pandemia trouxe seriam sanados de forma menos frustrante se existisse essa troca de conhecimento entre os professores mais experientes e os mais jovens. Para os mais jovens ou para aqueles que estão em processo de formação docente, o mundo digital é mais presente. Assim, as práticas no período pandêmico teriam sido melhor aproveitadas. Digo isso pois lembro bem da minha experiência como docente no período de estágio obrigatório (2020), que aconteceu no período em que sofriamos com a pandemia de Covid-19. Hoje posso dizer o quanto foi importante a interação entre os professores naquele período.

Ainda, a pesquisa buscou saber como ocorreu o ensino em plena pandemia (2020 – 2021). Como respostas para estas questões, as professoras

mencionaram que as aulas se davam de diferentes formas. As respostas dadas foram:

“À distância.”
“Por videochamada e atividades para entregar na escola.”
“Aulas remotas e presenciais com rodízio de alunos.”

Percebe-se que, em todas as respostas, fica evidenciado o ensino remoto, algo predominante neste período, mas que chegou de forma inesperada para professores e famílias. Todas as professoras mencionaram o uso das tecnologias como suporte para as práticas de ensino. Nessa direção, Cortella (2014) ressalta a necessidade do uso das tecnologias somar-se à educação, e não de ser adotada como concorrente. Ou seja, o segredo está em fazer uso da tecnologia quando necessário e recusá-la quando não a é, aproveitando as características de simultaneidade, mobilidade, instantaneidade e velocidade que ela oferece.

Cortella (2014 p. 52) ainda acrescenta que ninguém deixa de se interessar por aquilo que é interessante, chamando a atenção para a necessidade de a escola, por meio do professor, colaborar para o encantamento com o conhecimento. O autor ainda retrata a importância de balancear as formas de ensinar, de maneira a qualificar as práticas e promover as aprendizagens:

A escola e a família terão de trabalhar essa questão do foco. O ideal é balancear os meios digitais e analógicos, porque isso permite usar antigas plataformas de ensino à distância, com livros, jornais e revistas. Já se eu for fazer uma atividade externa e não quiser ficar carregando livros, o tablet é muito conveniente.

Pensando assim, o uso das tecnologias no âmbito escolar é de grande valia, mas se tornou assustador quando foi o único meio que os professores e alunos tiveram para dar continuidade às aprendizagens em meio ao caos da pandemia.

Essa educação a distância aconteceu de maneira brusca, sem que houvesse uma requalificação do trabalho docente. Nesse período os professores foram obrigados a se reinventar para não perder a conexão com os alunos e manter as aprendizagens, tendo que encarar a tecnologia a curto prazo.

Eu, enquanto aluna, presenciei essa modalidade de ensino e posso dizer que foi muito complicado. Há uma diferença entre uma atividade em sala de aula, que exige um preparo com o qual o professor já está habituado e uma atividade pelo mundo digital. Essas dificuldades apareceram tanto para o professor como para os alunos. O cenário com que nos deparamos foi extremamente assustador, na educação e na vida individual e social de cada pessoa.

Indago-me sobre as questões relacionadas ao mundo digital e como não perder o foco da aprendizagem enquanto pessoas morriam, alunos não tinham o que comer, sofriam com violência doméstica, entre outras preocupações. Muito mais impactante que a dificuldade com o mundo digital foi lidar com a realidade e particularidade de cada aluno e sua família nesse período pandêmico.

Dando prosseguimento ao estudo, a questão número 3 buscou verificar como os professores avaliaram o ensino durante esse período. Nesse sentido foi averiguado que nem todos os professores que participaram da pesquisa responderam, mas os que o fizeram registraram comentários de teor negativo:

“Foi difícil”.

“Não atingiu nem 50% dos alunos”.

“Foi um período bem difícil, muitas vezes as famílias não conseguiam ajudar por não dominarem conteúdo e terem dificuldade de acesso à Internet.”

Percebe-se então, nas falas dos professores, que o ensino durante o período pandêmico e a forma como ele ocorreu foi de uma maneira que não atingiu os objetivos esperados. Uma das professoras mencionou que nem a metade dos alunos foram atingidos com essa modalidade de ensino, o que se torna preocupante, pois a cada 10 alunos, menos de 5 conseguiram acessar as aulas remotas. Ou seja, em uma turma de aproximadamente 20 alunos de anos iniciais, metade teve dificuldade de acesso. O dado é muito preocupante, tendo em vista que aqueles em processo de alfabetização não conseguiram ter acesso aos conteúdos e aulas importantes para suas aprendizagens.

Como quarta questão verificou-se quais as principais dificuldades enfrentadas pelas famílias durante o período da pandemia. Nessa questão as professoras foram muito incisivas e nas respostas, apesar de com algumas diferenças, foi observado um ponto em comum: o acesso às tecnologias.

“Internet, aparelho adequado para assistir às aulas”.

“Acesso à internet, ausência de computadores ou similares e ausência de famílias para acompanhar seus filhos”.

“Dificuldade de acesso, falta de equipamento para acessar a Internet, falta de ambiente para a criança estudar, muitos pais sem conhecimento para ajudar seus filhos”.

Em todas as respostas ficou evidente que as dificuldades das famílias estavam na questão do acesso às tecnologias, sejam elas a internet ou os aparelhos que conduzem. Essas dificuldades podem se dar por inúmeros motivos, desde questões financeiras como também a falta do letramento digital, como citado já anteriormente neste trabalho. Aqui vale analisar, em especial, a fala da professora que responde que as principais dificuldades foram: “Acesso à internet, falta de equipamento para acessar a Internet, falta de ambiente para a criança estudar, muitos pais sem conhecimento para ajudar seus filhos”.

Frente a esta resposta da educadora, reflito sobre a necessidade de um olhar atento sobre as particularidades de cada aluno. Além da preocupação com as plataformas digitais, o quanto foi necessário um olhar de empatia, pois estávamos lidando com inúmeras situações, tais como saúde, mortes, fome, violência doméstica e economia, entre outros. Isso tudo interfere muito na maneira como o professor deve ensinar e como o aluno vai aprender.

Como quinta questão verificou-se o foco deste trabalho, ou seja, como a pandemia da Covid-19 interferiu nas aprendizagens dos alunos. Nesse sentido, as professoras citaram que as aprendizagens tiveram interferências diretas devido à falta de acesso. Com as respostas pode-se observar que os alunos que não acessaram a internet tiveram dificuldades de acompanhar as aulas.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Rui Barbosa, órgão de apoio aos tribunais de contas e pelo centro de pesquisa Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (2020) relata que muitos municípios afirmaram não realizar nenhum planejamento para aulas on-line por causa das dificuldades de alunos em relação ao acesso à internet e aos meios de comunicação digital, além da falta de recurso para investir nesses processos.

Na maior parte das pesquisas já realizadas em relação à pandemia e a educação, notou-se a mesma situação. Ressalto novamente que preparar uma aula a distância é bem diferente de preparar uma aula presencial. As ferramentas são diferentes e a didática no vídeo não é a mesma. Vale ressaltar a importância da formação continuada por parte dos docentes e, junto disso, a importância do planejamento pedagógico.

Diante disso, o autor Pimenta (2005) apresenta a formação continuada como resultante dessa prática reflexiva, provindo dos carecimentos presentes na ação em que a reflexão propicia a busca por soluções e, conseqüentemente, um processo de pesquisa.

Desse modo, a formação continuada não se restringe aos cursos de capacitações, convergindo em algo muito mais abrangente que emerge das dificuldades e anseios enfrentados pelo docente, no dia a dia, com vistas à realização de uma prática significativa.

Portanto, vale ressaltar o esforço dos professores perante todas essas dificuldades, pois desenvolveram novas práticas, buscando conhecer e se apropriar desses “novos” recursos em uma prática de constante pesquisa e aperfeiçoamento em relação à formação continuada, mesmo com a ausência de cursos de formação que atendessem as demandas do Ensino Remoto Emergencial, exigido durante a pandemia de Covid-19.

Como já mencionei anteriormente, realizei meu estágio obrigatório dos anos iniciais no momento em que as aulas estavam sendo remotas (2021), e pude conhecer um pouco da realidade de algumas famílias pela professora titular da turma.

Seguido dos trabalhos voluntários que fiz ao longo da vida, percebi que, em diferentes lugares e situações, as falas quando se menciona pandemia e educação são parecidas. Em todos os lugares aborda-se a escassez ao acesso à internet e meios de comunicação. Mas, além de tudo, fala-se muito sobre a falta de alimentos em casa, necessidades que as famílias estavam passando e o quanto era difícil cobrar de uma família que estava preocupada com a alimentação, saúde, estrutura econômica e muitas vezes violência doméstica, para que desenvolvessem um excelente processo de escolarização em um momento como foi o da pandemia.

Portanto, fica difícil mencionar apenas a frustração com as tecnologias - foi preciso muito mais do que apenas o conhecimento do mundo digital, pois muitas são as questões que interferem para que uma criança não aprenda. Foi um momento de exercer a empatia e a solidariedade. Quando Paulo Freire (1974) afirmou que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem[...]”, referia-se também à solidariedade.

Unidos no enfrentamento a essa pandemia, devemos ter como prioridade urgente o exercício intencional do amor ao próximo e empatia na relação educador e educando, independente da realidade imposta. A coragem e a esperança foram componentes indispensáveis para enfrentarmos os desafios impostos nesse momento de pandemia.

Uma das professoras entrevistadas citou que não ocorreu a aprendizagem pelo fato de o aluno não estar tendo o contato diário com o seu professor. As educadoras ainda apontaram que os alunos ficaram bem defasados nas aprendizagens de leitura, na escrita e matemática.

Na BNCC (BRASIL, 2017) encontramos a alfabetização como um processo que permite à criança codificar e decodificar os sons da língua em material gráfico, ou seja, nas letras. Conforme o documento:

Evidentemente, os processos de alfabetização e ortografização terão impacto nos textos em gêneros abordados nos anos iniciais. Em que pese a leitura e a produção compartilhadas com o docente e os colegas, ainda assim, os gêneros propostos para leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica, nos primeiros anos iniciais, serão mais simples, tais como listas (de chamada, de ingredientes, de compras), bilhetes, convites, fotolegenda, manchetes e lides, listas de regras da turma etc., pois favorecem um foco maior na grafia, complexificando-se conforme se avança nos anos iniciais.(BRASIL, 2017, p.93)

Refletindo mais uma vez sobre o quanto a pandemia de Covid-19 interferiu nas questões de leitura e escrita, tanto pela falta de acesso aos meios digitais quanto pelas dificuldades particulares de cada família, vale ressaltar aqui que a criança precisou em dobro do auxílio da família para se manter nas aulas, pois para uma aprendizagem de leitura e escrita significativas, é preciso a colaboração da família, já que a relação com o docente e os colegas foi difícil.

Para Soares (2022, p. 200):

Ser capaz de ler e compreender textos e de escrever textos é o que se considera uma criança que, além de alfabética, se torna alfabetizada, objetivo do ciclo de alfabetização e letramento. Ao longo da escolaridade posterior, com ampliação e consolidação das habilidades básicas já adquiridas, as crianças terão condições de atingir o objetivo último: tornarem-se leitoras e produtoras de textos capazes de fazer uso da língua escrita de forma autônoma para seus objetivos pessoais e de responder adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita.

Portanto, o processo de alfabetização é algo complexo, acontece ao longo da escolaridade e requer diferentes práticas e recursos. Com isso, podemos compreender que sim, a escassez no acesso às aulas remotas fez com que houvesse interferências negativas em relação ao processo de alfabetização, leitura e escrita dos alunos, pois para uma aprendizagem significativa é preciso uma interação com professor, colegas e família. E a pandemia fez com que essa interação fosse afetada de forma negativa.

E pensando além, sabemos que nem todas as crianças passaram pela educação infantil, fazendo com que sua bagagem se tornasse diferente daqueles que já adquiriram algumas das habilidades básicas.

Como última questão, esse trabalho buscou não somente evidenciar as interferências na aprendizagem, mas sim buscar ações que essas professoras estão desenvolvendo atualmente (2023) com essas crianças que vivenciaram o período de alfabetização em plena pandemia. Através das respostas, percebeu-se que essas professoras desenvolveram diferentes estratégias para

auxiliar os alunos na recomposição da aprendizagem e na defasagem de conteúdos e aprendizagens:

“Realizar atividades diferenciadas de acordo com nível que os alunos se encontram, tentando alfabetizar aqueles que estão no quinto ano e não alfabetizados. Foco sempre as 4 operações e a leitura e escrita”.

“Leitura, jogos”.

“Adaptar conteúdos e estratégias de ensino, independente do ano em que a criança esteja”.

“Minhas ações pós pandemia foi mais de interação e convivência, pois como pego turmas em que estão entrando na escola e por terem ficado mais reclusos, preciso trabalhar bastante diálogo para aprenderem a conviver e trabalhar com jogos e brincadeiras para desenvolver a convivência e compartilhar dividir e participar do grande grupo”.

Observa-se que seguem aspectos em comum nas respostas das professoras: a utilização de jogos e brincadeiras surge como principal ferramenta para contribuir de forma positiva na recomposição das aprendizagens. No que diz respeito a jogos e brincadeiras, Feldmann (2008, p.25) diz que:

Para a criança os jogos são fundamentais ao seu desenvolvimento e aprendizagem, pois envolvem diversão e ao mesmo tempo uma postura de seriedade. A brincadeira é para a criança um espaço de investigação e construção de conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo. Brincar é uma maneira de exercitar sua imaginação. A imaginação é uma forma que permite às crianças relacionarem seus interesses e necessidades com a realidade de um mundo que pouco conhecem. A brincadeira expressa a forma como uma criança reflete, organiza, desorganiza, constrói, destrói e reconstrói o seu mundo.

Considerando todas as limitações que a pandemia trouxe, os jogos e materiais que exploram ludicidade ajudam a desenvolver o potencial de cada criança. Acredito na importância desses recursos pois, além de ajudar na recomposição das aprendizagens, auxilia as crianças a lidarem com as questões socioemocionais.

4 Considerações finais

Durante a pandemia de Covid-19 as escolas públicas brasileiras suspenderam todas as suas atividades acadêmicas, levando a um grande impacto no ano letivo de 2020 e 2021. Por consequência, foi preciso criar meios para adaptar o ensino e as novas regras de segurança e distanciamento social.

Frente a esta realidade, este artigo teve como objetivo investigar as interferências da pandemia na aprendizagem de crianças em processo de alfabetização. Sabe-se que muitos são os fatores que interferem para que uma criança não aprenda, desde questões relacionadas à aprendizagem e fatores relacionados ao ensinamento. Nesses fatores também temos as consequências da pandemia.

Nesse sentido, a pesquisa também falou e reforçou a importância do planejamento pedagógico e a formação docente, que são essenciais para lidar com as questões que envolvem as defasagens e os problemas que a pandemia deixou. No que diz respeito ao cenário da educação em plena pandemia, em 2020, vimos que o planejamento pedagógico se tornou muito mais importante nesse período pandêmico, para que se atendesse de forma eficaz as necessidades e a realidade vivenciadas pelos alunos.

Junto ao planejamento, vimos questões relacionadas à formação docente, essencial para lidar com os avanços escolares e, em especial, as formações inicial e continuada, pois ambas contribuem para aprendizagens significativas.

Além do planejamento e da formação docente, problemas relacionados a questões de saúde e socioeconômicos podem interferir na aprendizagem e defasagem dos alunos. Entre eles esteve a pandemia de Covid-19.

Para melhor analisar essas questões, foi realizada uma pesquisa de campo com professoras referência de turmas de 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, buscando saber como elas avaliam as consequências da pandemia em relação às aprendizagens, em especial no processo de alfabetização dos alunos, e quais ações estão trabalhando para recuperar as defasagens e recompor aprendizagens.

Quanto aos achados da pesquisa, conclui-se que o principal causador das defasagens e problemas nas aprendizagens, segundo os professores que participaram do estudo, foi a falta de acesso às tecnologias. Além da dificuldade com o acesso à internet e aos meios de comunicação, apareceram questões relacionadas à falta de um ambiente em que as crianças pudessem estudar e questões relacionadas à falta de conhecimento dos pais para ajudar seus filhos.

A reflexão que este trabalho mostrou foi que a pandemia de Covid-19 interferiu e ainda interfere nas questões de aprendizagem e defasagem escolar, fazendo com que, além da formação docente e planejamento pedagógico adequados, exercêssemos um olhar especial às questões particulares de cada aluno e sua família.

Foi um momento frustrante para a educação brasileira e vamos demorar um bom tempo para recuperar essas aprendizagens e defasagens de todos os milhares de alunos que vivenciaram esse período pandêmico. Mas, enquanto isso, os profissionais docentes, em especial as professoras que participaram da pesquisa, relatam inúmeras ações que estão exercendo para recompor as aprendizagens em geral, especialmente as dificuldades com a leitura e escrita.

Porém, além das dificuldades relacionadas à educação e ao ensino, em especial a leitura e a escrita, é importantíssimo ressaltar o quanto foi e ainda é necessário um olhar especial por parte dos profissionais da educação para questões particulares de cada aluno, uma vez que a pandemia trouxe muitas incertezas, desencadeando um conjunto de fatores que já foram citados nesse trabalho e que interferem diretamente no ensino e na aprendizagem.

A pandemia de Covid-19 fez com que os professores tivessem que se reinventar, buscando novos conhecimentos, ultrapassando dificuldades, adaptando sua rotina profissional e pessoal. Esse período reforçou a importância deste profissional para a sociedade, assim como sua valentia em ressignificar o seu trabalho.

Por fim, convém ressaltar a importância das tecnologias para o processo de ensino e aprendizagem e que cabe aos órgãos públicos investir na infraestrutura das escolas, disponibilizar recursos digitais e capacitar esses profissionais.

Referências

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

FELDMANN, Juliane. **Aprender tem que ser divertido**: a intervenção lúdica psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem através dos jogos. Florianópolis (SC): Ceitec, 2008.

FERREIRO, E. Diversidade e processo de alfabetização: da aceleração à tomada de consciência. In FERREIRO, E; **Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INSTITUTO BUTANTAN. Retrospectiva 2021: segundo ano da pandemia é marcado pelo avanço da vacinação contra Covid-19 no Brasil. In: **Portal Butantan**, 31 dez. 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contra-covid-19-no-brasil#:~:text=O%20ano%20dois%20da%20pandemia%20de%20Covid-19%20foi,%C3%A0%20CoronaVac%2C%20imunizante%20do%20Butantan%20e%20da%20Sinovac>. Acesso em: 30 nov. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Alfabetização no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)**. Brasília: Inep, 1990.

LAMOSA, Rodrigo (org.). **Classe dominante e educação em tempos de pandemia**: uma tragédia anunciada. Parnaíba (PI): Editora Terra sem Amos, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. 4. ed. Goiânia (GO): Editora alternativa, 2001.

_____. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e práticas de Metodologia Científica**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Didática geral**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Política Nacional de Alfabetização é marco para a educação brasileira. MEC, 16 abr. 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/75131-politica-nacional->

de-alfabetizacao-e-marco-para-a-educacao-brasileira. Acesso em: 30 nov. 2023.

NÓVOA, António. Professores: Imagens do futuro presente. Instituto de Educação Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://jornadapedagogica.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/antonio-novoa-2009-professores-imagens-do-futuro-presente1.pdf>. 41p. Lisboa, 2009.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 30 nov. 2023.

REDE PENSSAN. Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**, 2022. ISBN: 978-65-87504-54-4. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/olheparaafome/>. Acesso em 30 nov. 2023.

SANTOS, Emily. 11% das crianças e adolescentes estão fora da escola no Brasil, aponta pesquisa do Unicef. **G1**, 11 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/15/11percent-das-criancas-e-adolescentes-estao-fora-da-escola-no-brasil-aponta-pesquisa-do-unicef.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2022.

TENENTE, Luiza. Porcentagem de crianças do 2º ano que não sabem ler e escrever nem palavras isoladas mais do que dobra na pandemia, diz Inep. In: **G1**, 16 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/16/porcentagem-de-criancas-do-2o-ano-que-nao-sabem-ler-e-escrever-nem-palavras-isoladas-mais-do-que-dobra-na-pandemia-diz-inep.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.